



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de lançamento do Plano Safra Mais Alimentos**

Brasília – DF, 03 de julho de 2008

Meu caro companheiro José Alencar, vice-presidente da República,
Meu caro governador do Distrito Federal, José Roberto Arruda,
Meu caro governador do estado da Bahia, Jaques Wagner,
Meu caro companheiro Guilherme Cassel, ministro do Desenvolvimento
Agrário,

Reinhold Stepanes, ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento,
Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,

Meu caro e querido Gregolin, secretário especial da Aquicultura e Pesca,
que vamos logo, logo transformar em Ministério para poder pescar as tilápias
que você ainda não pescou,

Minha querida companheira Arlete Sampaio, ministra interina do
Desenvolvimento Social e Combate à Fome,

Meu caro Edson dos Santos, ministro da Secretaria Especial de Políticas
de Promoção da Igualdade Racial,

Nilcéa Freire, ministra da Secretaria Especial de Políticas para as
Mulheres,

Meus caros companheiros senadores e deputados federais aqui
presentes,

Eu quero cumprimentar o nosso líder do governo, Henrique Fontana, e
cumprimentando-o, estarei cumprimentando todos os companheiros
parlamentares aqui presentes,

Companheira Maria José da Costa, representante da Via Campesina,
Elisângela dos Santos Araújo, representante da Fetraf,
Manoel dos Santos, representante da Contag,



Produtores e produtoras rurais aqui presentes,
Embaixadores convidados para o nosso evento,
Companheiro Sílvio, da Embrapa,

Eu quero dizer a todos vocês que a Embrapa está prestando... Além do extraordinário trabalho aqui no Brasil, já inauguramos o nosso escritório em Caracas e já começamos a plantar os primeiros 30 mil hectares de soja. Queremos ver se em quatro anos a gente deixa a Venezuela auto-suficiente na produção das suas próprias sementes, e a Embrapa vai tentar ajudar naquilo que for possível. Também abrimos a nossa sede da Embrapa em Gana, na capital, cidade de Acra, onde nós já pesquisamos 17 países, indo a campo, e 10 à distância. Não sei como é que se pesquisa à distância, mas já pesquisamos 10 à distância. Nós trabalhamos com o otimismo de que a savana africana possa ter as mesmas características do cerrado brasileiro e, portanto o Brasil pode dar a sua contribuição para que haja uma revolução agrícola na África. A América Central também está querendo uma sede da Embrapa e isso tudo é muito bom. Logo, logo o Sílvio apresentará uma pauta de mais concursos, de mais contratações, de mais gente, e essas coisas vão ficando difíceis de serem feitas.

Quero agradecer ao Guilherme, ao Reinhold, ao Banco do Brasil, ao Lima Neto, ao Guido Mantega, ao Beca, do Ministério da Fazenda, que está aqui, aos companheiros do Planejamento que trabalharam para que a gente pudesse, no dia de hoje, apresentar possivelmente o mais sólido plano de safra para a agricultura brasileira, envolvendo a agricultura empresarial e a agricultura familiar.

Quero agradecer aos companheiros do Incra, que me dizem todos os dias que desapropriam terras, que me mandam assinar documentos, porque já chegaram a 35 milhões de hectares. Se chegarem a 35 milhões de hectares, é quase quatro vezes a área de plantio no estado do Paraná.



Quero agradecer à companheira Dilma pelo trabalho que a Casa Civil faz, no sentido de transformar tudo isso que nós colocamos aqui em medidas provisórias e projetos de lei.

Quero agradecer ao acordo que o governo conseguiu fazer, através do Guilherme, com a Anfavea e com o Sinfavea, para que a gente pudesse fazer com que os tratores e os implementos agrícolas chegassem mais baratos às mãos dos agricultores.

Tem um “quêzinho” ainda, Guilherme, que falta. Está aqui o companheiro do Paraná, Bianchini, o nosso secretário de Agricultura do Paraná. Lá, o governador Requião reduziu o ICMS. Obviamente que não tem ICMS no governo federal, e isso tem que ser uma decisão dos governos estaduais. Eu acho, companheiro Arruda, companheiro Jaques Wagner, que seria importante a gente contribuir para que o Confaz reduzisse um pouco o ICMS nesse acordo dos tratores, que estamos fazendo, porque eles chegariam mais baratos às mãos dos trabalhadores.

Eu penso que haverá disposição dos governadores... Eu vi a concordância dos dois que estão aqui e certamente haverá de outros, pelo menos de uma parcela, para a gente poder baratear o preço das máquinas que vamos financiar para os pequenos agricultores.

Eu deveria falar isso, parar e ir embora porque eu tinha um compromisso às 13 horas e já são 13h20, e ainda estou aqui. Eu queria apenas dizer uma coisa a vocês para que a gente refletisse. Ainda não existe uma conclusão lógica do que está acontecendo no mundo com relação aos alimentos. Essas coisas ainda estão na fase de os técnicos investigarem, de os economistas estudarem, de os homens ligados à agricultura e os ministros meditarem, e vai chegar um momento em que a gente vai saber concretamente o que está acontecendo com os alimentos. A única coisa que o Brasil não aceita – eu, particularmente, não aceito, e vou repetir o que disse na FAO – é que os dedos sujos de óleo e de carvão apontem para os biocombustíveis limpos do Brasil,



tentando culpar o nosso País.

Em segundo lugar, é importante que a gente faça apenas uma reflexão, sem encontrar culpados. Não queremos encontrar culpados, queremos apenas encontrar o diagnóstico correto para tomar as decisões corretas. O dado concreto é que eu já participei de vários fóruns internacionais e participei de situações em que ninguém quer discutir a incidência de um barril de petróleo, a 140 dólares, no custo do frete, no custo do fertilizante e no custo da própria energia produzida à base de combustíveis fósseis. Aqui no Brasil o custo do petróleo me parece que incide por volta de 30% no custo dos produtos agrícolas que nós produzimos.

Esse é um dado que nós poderemos... Eu acho que o petróleo vai ter um ajuste. Quando eu pergunto ao meu amigo Chávez ou ao meu amigo José Sergio Gabrielli... Nós sabemos que mais do que o consumo do petróleo que está aumentando, nós temos uma especulação muito grande do petróleo no mercado futuro. Dois meses atrás era simples dizer: a culpa é da China, a culpa é da Índia, estão crescendo demais e estão utilizando muito aço, muito óleo. Isso é apenas meia-verdade. Eu vou bater nessa tecla até alguém me provar que isso não é verdade.

A verdade é que nós temos hoje, no mercado futuro, especulando com o petróleo, a mesma quantidade de barris de petróleo que a China consome. Então, nós temos uma China real comprando petróleo e transformando em riquezas, e temos outra China irreal, que é a especulação possivelmente causada pelos fundos de pensão que quebraram a cara no *subprime*, na crise imobiliária americana, e que agora estão querendo uma coisa mais certa, que é o petróleo. Essa é uma coisa que ainda está em debate internacional.

A outra coisa importante é a questão dos alimentos, também no mercado futuro. Eu pedi para que o Guido montasse uma equipe no Ministério da Fazenda, não apenas do governo, mas que convocasse especialistas de outros setores para a gente pesquisar profundamente o que está acontecendo,



de verdade, com os alimentos em vários lugares do mundo. Entre os BRICs, o Brasil é o que tem a inflação mais controlada; outros países perderam o controle. No Brasil, nós estamos numa situação, eu diria, tranquila. Obviamente que sempre aparece um ou outro que quer ganhar um pouco de dinheiro especulando também, inflacionando a expectativa inflacionária para poder, quem sabe, antecipar seus próprios preços. Tudo isso nós estamos olhando com muito cuidado e não há nenhum motivo para a gente perder meia hora de sono com isso. O que nós precisamos é estar alertas para não permitir que a inflação saia, efetivamente, de controle.

Dito isso, há um fato inusitado e muito importante: o povo pobre está comendo mais. E se o povo pobre está comendo mais, nós vamos ter que aumentar a produção. Se não aumentarmos a produção e tiver 10 pessoas para comprar um quilo de feijão no supermercado, e só tiver um quilo de feijão, obviamente que o dono do supermercado vai aumentar o preço daquele feijão que tem uma procura maior do que a oferta. Mas se tiver 10 saquinhos de feijão e apenas um comprador, certamente ele vai baixar o preço para que apareçam mais compradores.

Não tem muita explicação, Reinhold, uma tonelada de arroz sair de 300 dólares para 900 dólares, ou reais, em tão pouco tempo. A soja, anteontem, bateu 590 dólares a tonelada. O nosso feijão foi para 250 reais a saca, em pouco tempo. Tem vários fatores: seca; enchente; o estado do Paraná, que produziu 29% a menos... Muitas vezes um produtor vê um produto mais caro no mercado, deixa de plantar uma coisa e vai plantar outra. Tudo isso nós sabemos que existe e temos que ter um certo controle. Para isso, nós estamos aumentando a nossa política de preço mínimo, para garantir que as pessoas produzam. Se as pessoas não conseguirem o preço ideal no mercado, o governo banca um preço razoável para que elas não tenham prejuízo no plantio.

Por que nós queremos aumentar a produção agrícola no Brasil?



Primeiro, porque nós estamos convencidos de que a China, a Índia, a América Latina, o Brasil e a África vão comer muito mais. Nós não podemos continuar com a mesma produtividade, se as pessoas vão comer mais. Nós temos que plantar mais. Nós temos terra, sol, água, e outros países da América Latina e da África também têm. Não tem sentido um país como a Venezuela importar quase tudo o que come quando, na verdade, precisa produzir quase tudo o que come.

O Brasil, por ter a mais importante e o maior conhecimento na tecnologia da agricultura tropical, precisa prestar serviço aos outros países, oferecendo a nossa tecnologia para que eles se desenvolvam como nós, e possam produzir. Todo o mal que pode acontecer no mundo é o povo querer comer mais, e eu acho isso ótimo. Pode ser problema para outros países, mas para o Brasil não é problema. Pode ser problema para a Suíça, mas também não será problema porque eles têm dinheiro para comprar. Pode ser para o Japão, mas também não será problema porque eles têm dinheiro para comprar. Obviamente que pode ser problema para um país que não tem terras, que não tem o tempo que tem este País.

Para nós, é uma grande oportunidade. Para nós, é uma oportunidade extraordinária para utilizar, de forma muito objetiva, a capacidade total de produtividade que temos no nosso País. Não é mais aceitável ver, na televisão, um companheiro jogando uma sementinha no chão com a mão e puxando a terra com o pé. Essa idéia de cultura apenas de subsistência, em que um cidadão planta uma mandiocazinha, come aquela mandiocazinha... Isso tem que acabar. Nós temos que dar às pessoas a dimensão de sua capacidade produtiva. O mais humilde dos companheiros, no campo, tem que saber que quanto mais ele produzir na sua terrinha, mais ele vai ter acesso a bens que a sua família precisa.

A idéia é essa. A idéia é levar tecnologia e modernização à agricultura familiar. Se a gente planta um saco de feijão, vamos plantar 20. Se a gente



colhe, por hectare, dois, vamos colher quatro. Se a nossa média de leite por vaca é de 1,7 litro – nos Estados Unidos é de quase 5, e na Europa é de quase 10 –, por que a gente não aumenta a nossa produção de leite? Vamos tratar a nossa vaquinha com carinho, melhorar a ração, levar tecnologia e vamos produzir 5 ou 6 litros.

Na verdade, o que nós queremos é o que eu vi hoje de manhã. Olha aí, ó, que vaquinha bonita, que vaquinha bem-comportada! Na verdade, o que nós queremos é o seguinte: dar um salto de qualidade. Eu tenho dito ao Guilherme e ao meu amigo Rolf, presidente do Incra: não é mais suficiente a gente ficar desapropriando, colocando gente, se passam 10 anos e aquelas pessoas produzindo quase nada. É preciso levar, junto com a terra, a tecnologia, os financiamentos, porque todo mundo vai gostar.

Nas terras em que fui hoje, eu vi a cara do “japonezinho”, a alegria dele, e eu vi como ele começou, há pouco tempo: morava num barraco, foi construindo a sua casinha, foi pegando dinheiro emprestado, e hoje ele tem cinco hectares, onde planta uma série de coisas. Comprou um trator e já está pensando no que vai fazer com o dinheiro que ganhar com o dobro da produtividade que vai ter. Nós temos que levar isso a todos os lugares do mundo. Quando a gente produzir demais, o que estiver faltando... Aquilo que for alimento, a gente compra. Não tem explicação – a não ser por causa de uma chuva, por causa de uma seca muito forte – este País ver o feijão sair de um preço 10 para um preço mil em três ou quatro meses.

A Conab tem que se preparar para que a gente melhore a nossa capacidade de estoque. Obviamente que a gente não pode guardar o feijão, porque ele fica carunchado em pouco tempo, mas temos que ter maior rapidez. O Brasil pode, neste momento, mostrar ao mundo, que está há cinco anos consumindo o seu estoque regulador... De 2001 a 2007, o mundo teve um déficit de 175 milhões de toneladas de grãos, enquanto o Brasil, no mesmo período, teve um superávit de 149 milhões de toneladas de grãos.



O Brasil não vai aceitar essa conversa atravessada de que os biocombustíveis, o agro “não sei das quantas” são a causa da inflação nos alimentos. Vamos colocar “pão, pão, queijo, queijo” para a gente saber onde está o erro e vamos corrigi-lo. Enquanto a gente não tem um acordo político... Eu estou indo ao Japão, na reunião do G-8, só por conta disso. Eu tive uma reunião com a primeira-ministra da Alemanha. A Fundação Adenauer chamou companheiros do Brasil para saber o que falar, e falaram: “O trabalho com a cana é um trabalho insalubre e penoso”. E como eu viajei muito tempo falando mal do Brasil, eu sei que tem muita gente que ainda viaja. É chique. As pessoas se esquecem que eu viajei muito pelo Brasil e pelo mundo. Quantas vezes eu fui a Paris, Londres, Roma, Frankfurt como dirigente sindical. Eu falava: tem 25 milhões de crianças de rua no Brasil. Um dia, um cara falou: “Lula, espere aí. Se tivessem 25 mil crianças nas ruas, a gente não andaria”.

Eu penso que precisamos uniformizar os nossos discursos para a gente... “Estão desmatando a Amazônia”, é outro discurso que a gente não pode aceitar porque se tivermos um problema, será nosso. Nós vamos brigar, mas é importante lembrar que este País, que dizem que desmata, tem 69% da sua floresta original preservada. Os que hoje estão preocupados com o desmatamento estão carecas, tem 0,3% apenas. Então, nós temos que preservar porque queremos preservar, porque queremos tirar proveito da biodiversidade das nossas florestas. “Vamos internacionalizar o Aquífero Guarani, porque eles não sabem tomar conta”. Ninguém quer internacionalizar a Nasa. O remédio que eles deveriam estar querendo internacionalizar, quando descobrissem um remédio importante para uma doença, por que não transformam em patrimônio da humanidade e todo mundo tem acesso? E nós, muitas vezes, com os nossos discursos, damos razão a eles.

Então, é preciso que a gente tenha um discurso enquanto nação. Nessa questão da agricultura e nessa questão da preservação ambiental, nós temos defeitos. Mas quem, lá fora, tem menos defeito do que nós? Quem preservou



mais do que nós? E eles sabem perfeitamente bem que para a gente cuidar do planeta corretamente é preciso mudar o padrão de consumo que está estabelecido. Ou será que a América Latina e a África nasceram para ser pobres a vida inteira, e eles nasceram para ser ricos? Quem é que disse isso? Como é que eu vou negar para alguém da Amazônia levar o desenvolvimento para lá?

Obviamente que nós temos que ter o cuidado de levar o desenvolvimento, de preferência, de indústria limpa, de fazer corretamente o manejo da floresta. Tudo isso já está previsto em todas as políticas que nós aprovamos.

Agora, nós estamos com um problema grave: a questão energética e o petróleo a 140 é grave. E não falo pelo Brasil. Aqui, neste continente, tem dois países que têm muito petróleo, agora: a Venezuela e o Brasil. A Venezuela, certamente, muito mais. O Uruguai, agora, descobriu o gás, no Rio da Prata, o que eu acho muito importante. Mas nós temos problema energético, que vamos ter que consertar entre nós. E os países pobres, que dependem de petróleo? Como é que vão ficar? Esse assunto, ninguém quer discutir.

E a outra coisa é a questão do subsídio agrícola, ou seja, que os europeus, com os subsídios que impõem aos seus produtores, não permitem que os produtos de países pobres cheguem ao seu mercado. Então, fica uma coisa meio controversa, e nós queremos acertar isso.

Esse é o grande debate que nós temos que fazer. E nós temos que dizer ao mundo: primeiro, inflação de alimento aqui, neste país chamado Brasil, a gente vai combater é produzindo muito mais alimento, porque temos gente para produzir, temos tecnologia e temos conhecimento. E temos que produzir para nós e para ajudar outros companheiros, outros países que precisam.

A segunda coisa que temos que dizer é que cada país precisa pensar na matriz energética que melhor lhe convier, aquela que for mais importante para cada país. E eu falo isso de cátedra, porque a partir de setembro já vamos



começar a tirar o primeiro pouquinho de petróleo do pré-sal, lá do Espírito Santo. Em março, vamos lá no poço Tupi tirar mais um pouquinho. Logo, logo, vamos enfiar uma broca lá, tentar pegar um pouco lá da Venezuela e trazer para cá, já que tem muito lá, Embaixador.

Então, a América Latina tem condições de dar resposta, o Brasil tem condições de ajudar outros países a dar a resposta, e nós não precisaremos ficar vendo isso como um obstáculo. O que eles dizem que é crise, nós temos que dizer: é apenas uma oportunidade de fazermos, hoje ou amanhã, o que não fizemos ontem ou anteontem.

Gregolin, eu queria dizer a você, Guilherme, a você e ao Reinhold Stephanes, eu participei ontem, no Paraná, estou participando hoje, aqui, eu queria dizer para vocês o seguinte: nesses cinco anos, eu percebo, a olhos vistos, o crescimento da competência do governo em apresentar suas propostas. Acho que nós mudamos o padrão de relação, acho que os companheiros, quando reivindicam, reivindicam com razão, porque nós precisamos, a cada dia, a cada mês, a cada hora, aperfeiçoar as coisas que estamos fazendo. Eu sempre disse que o governo vai fazendo as coisas na medida em que pode fazer. Acho que já avançamos bastante, se compararmos com o que a gente era. Precisamos avançar muito para chegar perto daquilo que sonhávamos, mas acho que vamos conseguir. Vamos conseguir porque com este Programa bem-implementado e bem-fiscalizado, eu acho que vamos dar um salto de qualidade num curto espaço de tempo.

Quero dar parabéns a todos vocês que vieram aqui. Agora, o trabalho do Guilherme Cassel é visitar o Brasil para saber se as pessoas compraram os tratores que ele prometeu, se o crédito teve o tanto de juros que ele prometeu ao José Alencar, e nós queremos dobrar a produção de cada coisa que produzimos no País.

Que Deus abençoe a nós todos e, sobretudo, a quem produz neste País.
Um abraço.

(\$211A)